

A VISIBILIDADE DA LIBRAS NAS MÍDIAS: a representativa surda e a acessibilidade comunicacional

THE VISIBILITY OF LIBRAS IN THE MEDIA: the deaf representation and communicational accessibility

Mariana Brieese da Silva¹

RESUMO

A inclusão das pessoas surdas é um tema que circula nas mídias de comunicação e informação, no entanto, ela não tem sido assegurada conforme a legislação nacional indica. É direito fundamental do cidadão o acesso às informações e a mídia tem o papel de difundir assuntos relevantes que interferem nas vidas dessas pessoas. No caso dos brasileiros surdos sinalizantes, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) tem sido a mais usada. Utilizado por uma minoria de brasileiros, não é comum vermos nas mídias esta língua sendo veiculada, pois a maioria dos programas televisivos são pensados para pessoas ouvintes falantes de português. Por sua vez, apesar da inserção da janela de Libras acontece apenas ocasionalmente. Este trabalho teve por objetivo problematizar o acesso às informações midiáticas pelos surdos e a visibilidade destas pessoas nas mídias. De caráter exploratório e abordagem qualitativa, o estudo é de natureza aplicada e partiu de um levantamento bibliográfico sobre o tema de acessibilidade comunicacional, seguido pela discussão sobre a visibilidade de surdos em diferentes materiais midiáticos. Os resultados apontam que ainda é recorrente a falta de acessibilidade comunicacional do público surdo nas mídias, tornando necessário repensar as produções midiáticas para este público, uma vez que canais televisivos abertos não dispõem da janela de Libras. Constatamos que os materiais analisados se destacam pela representatividade dos surdos como protagonistas na produção de conteúdos. No que diz respeito a isto, entende-se que a equidade de oportunidades promove a diversidade na programação e a difusão da Libras.

Palavras-chave: Inclusão da pessoa surda; acessibilidade informacional; mídias de comunicação.

ABSTRACT

The inclusion of deaf people is a theme that circulates in the media and information, however, it has not been ensured as the national legislation indicates. It is a fundamental

¹ Graduada em biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: briesemariana@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6075-8460>.

right of citizens to access to information and the media has the role of disseminating relevant issues that affect the lives of these people. In the case of deaf-signing Brazilians, the Brazilian Sign Language (Libras) has been the most widely used. Used by a minority of Brazilians, it is not common to see this language being broadcast in the media, because most television programs are designed for listeners who speak Portuguese. In turn, despite the insertion of the Libras window happens only occasionally. This work aimed to problematize the access to media information by the deaf and the visibility of these people in the media. Of an exploratory nature and qualitative approach, the study is of an applied nature and started from a bibliographic survey on the theme of communication accessibility, followed by a discussion on the visibility of the deaf in different media materials. The results indicate that it is still recurrent the lack of communicational accessibility of the deaf in the media, making it necessary to rethink media productions for this audience, since open television channels do not have the Libras window. We found that the analyzed materials stand out for the representativeness of the deaf as protagonists in the production of content. With regard to this, it is understood that equity of opportunities promotes diversity in programming and the dissemination of Libras.

Keywords: inclusion of the deaf; informational accessibility; communication media.

Data de submissão: 23 ago. 2023

Data de aprovação: 27 nov. 2023

1 INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade, ouvimos muito falar em inclusão, mas nem sempre as pessoas que são diferentes do que é tido como “normal”, são bem recebidas e aceitas pelos demais. O discurso que circula comumente na sociedade é que estamos na era da informação, do conhecimento, das tecnologias, obtendo uma (suposta) emancipação e igualdade de direitos de todos/as diante da lei. Isto faz parecer que “não há nenhum tipo de conflito social, de diferenças, onde tudo parece homogêneo, sem nenhuma particularidade que constitui os sujeitos que a compõem” (Ferreira; Soares; costa, 2011, p. 3185)

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU) (1948), é direito fundamental do cidadão o acesso à informação. Por sua vez, a mídia tem o papel de informar o cidadão sobre assuntos relevantes que possam interferir na sua vida. Nos amparando na Lei nº 10.098/2000, que trata sobre a eliminação de barreiras na comunicação e estabelece mecanismos e alternativas técnicas que buscam tornar acessíveis os sistemas de comunicação, como a inclusão de janela de Língua Brasileira

de Sinais (Libras) na veiculação das imagens, vídeos, materiais midiáticos (BRASIL, 2000), temos consciência que a prática de tais medidas viabilizariam a comunicação da pessoa surda sinalizante². Porém, a acessibilidade dos sistemas de comunicações não se dá, em geral, desta maneira, pois a maioria dos programas são pensados e executados para pessoas ouvintes. Lembrando que tal acessibilidade deve estender-se ao entretenimento, como filmes, séries, entre outros programas que não sejam estritamente de cunho informativo.

Quatro anos depois, o Decreto nº 5.296, de dezembro de 2004 regulamentou a Lei nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas com deficiência, idosos e gestantes, e a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas deficientes ou com mobilidade reduzida, que prevê no incisos I e II do 2º § do artigo 53 a “sub titulação por meio de legenda oculta” e “a janela com intérprete de Libras”. (BRASIL, 2004). A partir de então, tornou-se possível a existência da legenda oculta (*Closed Caption*) e da janela de intérprete de Libras no Brasil, sob a regulamentação do Ministério das Comunicações, que aprovou em 27 de junho de 2006, a Portaria nº 310, que normatiza objetivamente a legenda e a janela de intérprete de Libras conferindo às pessoas surdas o direito de acesso às informações e entretenimentos televisivos. (BRASIL, 2006).

Os surdos que vivenciam identidades ligadas à língua de sinais e à experiência surda (Fernandes, Terceiro, 2019), enquanto grupo social organizado politicamente, não se definem como “deficientes auditivos”, “portadores de necessidades”, mas sim, como pessoas que se diferem de forma cultural e linguística na sociedade (Wrigley, 1996). No Brasil, a língua de sinais mais usada é a Libras, língua natural, composta por todos os elementos mínimos que a caracteriza como sistema linguístico, e que possui aspectos gramaticais, que vão desde a fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. É importante ressaltar que a Libras não é universal, cada país possui sua(s) própria(s) língua(s) de sinais, como aqui no país que foram identificadas “treze línguas de sinais que surdos

² Pessoa surda que se comunica utilizando a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

brasileiros usam”. (Corrêa; Cruz, 2019, p. 6). E assim como no português, a Libras apresenta o fenômeno de variação linguística, ou seja, ocorrências de variantes em diferentes regiões do país.

Diante desta contextualização, este trabalho propõe-se a problematizar o acesso às informações midiáticas pelos surdos e a visibilidade destas pessoas na mídia. Dessa forma, tal pesquisa se caracteriza como exploratória e de abordagem qualitativa, sendo um estudo de natureza aplicada, onde buscamos através de um levantamento bibliográfico que traz à luz autores como: Skliar, Strobel, Stumpf, Campos, dentre tantos outros, para discutir sobre o contexto histórico e social do surdo. Além de trazer exemplos sobre a visibilidade do surdo em diferentes mídias, como: no filme, “No ritmo do coração (CODA), Um lugar silencioso, no *Youtube*, com iniciativas como o canal “Visurdo” e o desenho em Libras, “Min e as mãozinhas”, na literatura, com a obras como da editora Cora, “O silêncio de Joaquim”, os livros de literatura surda, Cinderela Surda, Patinho Surdo e Rapunzel Surda, ou ainda, a personagem surda Sueli criada por Maurício de Sousa. Torna-se fundamental para combater o preconceito e oportunizar a pessoa surda ser incluída na sociedade.

2 DESENVOLVIMENTO

A Libras é um sistema linguístico de modalidade visual-espacial, e se utiliza de todo o corpo e de expressões faciais para se fazer compreender, para dar sentido ao que está sendo dito. Para conseguirmos nos comunicar em Libras precisamos saber usar os parâmetros que compõem a língua, são eles: i) *configuração de mãos* (CM), que são as formas das mãos, fundamentais para fazer datilologia³ e, dependendo do sinal pode se usar as duas mãos; ii) *ponto de articulação* (PA), que significa o lugar onde a CM é posicionada, pode ser posicionada no espaço neutro, à frente do corpo ou em alguma parte do corpo; iii) *movimento* (M), que corresponde ao modo como o sinal é realizado que pode ou não apresentar movimento; iv) *expressão facial e/ou corporal* (EF/C), que são as expressões faciais e corporais, cuja execução é essencial para o entendimento do sinal; v) *orientação/direção* (O), em que os sinais requerem uma direção da palma da

³ Datilologia é o empréstimo do português para a Libras, o uso do alfabeto manual.

mão e se relacionam aos parâmetros anteriormente mencionados (SILVA; CAMPOS, 2017).

Referente a aquisição da Libras, essa se difere das línguas vocais-auditivas em vários aspectos. Um deles, é o fato de ser uma língua minoritária, dificultando, de certa forma, o encontro linguístico com indivíduos que a utilizam. Raramente crianças surdas são filhos de pais surdos ou têm pares sinalizantes desde a tenra infância que possam estimular a aquisição e/ou aprendizado da língua de sinais. Uma grande diferença entre as crianças ouvintes é que, desde cedo, elas têm contato com uma língua, enquanto as crianças surdas não têm essas interações linguísticas, já que “95% das crianças surdas são filhas de pais ouvintes que em sua maioria, os pais desconhecem ou rejeitam a língua de sinais”. (Skliar, 1997, p.132). Esse é um dos aspectos a levar em conta e quando ampliamos nossa perspectiva para analisar a história dos surdos ao longo dos séculos, constatamos que é marcada por preconceitos e julgamentos.

A este respeito, os surdos na Grécia, por exemplo, eram vistos como incapazes. O filósofo Aristóteles acreditava que a linguagem era a condição que nos torna humanos e, como para ele os surdos não tinham uma linguagem, não poderiam ser considerados humanos. Essa crença comum à época fazia com que os surdos não tivessem direitos e, além de marginalizados, muitas vezes eram condenados à morte (SILVA; CAMPOS, 2017). Por conta dessa ideia errônea é que surgiram expressões como “surdo-mudo”, que ainda é usada hoje em dia, uma vez que as pessoas acreditam que, por não falar, os surdos também são mudos. Na verdade, essa ideia está totalmente equivocada.

Os romanos pensavam parecido com os gregos, pois confundiam os surdos com deficientes mentais, os proibindo de usufruir de direitos legais, como fazer um testamento, por exemplo. Durante a Idade Média, a Igreja Católica acreditava que as almas dos surdos não podiam ser imortais, uma vez que eles não eram capazes de proferir oralmente seus sacramentos. Além de tudo isso, até o século XII os surdos eram proibidos de se casar.

Nesse contexto histórico que envolveu processos de colonização, Hall (2006) esclarece que a maioria das nações são constituídas de diferentes culturas, que somente foram “padronizadas” através de uma conquista violenta, assim, “cada uma dessas

conquistas subjugou povos conquistados e suas culturas, costumes, línguas e tradições, e tentou impor uma hegemonia cultural [...]”. (Hall, 2006, p.16). Indo ao encontro deste pensamento, devemos lembrar que, por muito tempo os surdos foram obrigados a aprender a língua vocal-auditiva, sendo impedidos de utilizar a língua de sinais.

Haviam pesquisadores que acreditavam no oralismo, como por exemplo, Samuel Heinicke (1727-1790), que além de ser defensor do Oralismo Puro⁴, criou uma escola para surdos, onde era proibido o uso da língua de sinais, do alfabeto manual ou da gesticulação espontânea. Para esse educador, os sinais eram altamente prejudiciais para o desenvolvimento da fala (modalidade oral). Como também, Heinicke defendia que a criança surda deveria ser ensinada primeiramente a falar a língua vocal-auditiva, para depois poder ensiná-la a escrever. (Kumada, 2016) A surdez era vista como uma deficiência, como se fosse uma doença que precisava ser “normalizada”.

Como vimos até aqui, não é possível pensar em direitos com relação à mídia e às tecnologias sem parar para refletir também sobre a história da educação dos surdos, sobre o processo de socialização pelo qual passaram e continuam passando, dos anos de oralismo e do fracasso escolar e social. Desde o início, houve por parte das pessoas ditas “normais” uma intolerância do que é diferente e/ou anormal. (Ferreira; Soares; Costa, 2011) Em 1880, ocorreu o Segundo Congresso Internacional de Educação dos Surdos, ou mais conhecido como Congresso de Milão, onde foi discutido o rumo da educação dos surdos. Eram mais de 160 especialistas, sendo a maioria destas pessoas ouvintes, que estavam falando pelos surdos, pela educação deles.

Além de ser uma época onde julgavam a língua vocal-auditiva superior, enquanto as línguas gestuais-visuais eram consideradas um retrocesso na evolução da linguagem. Por este motivo, o principal objetivo do Congresso foi erradicar o uso da língua de sinais, uma vez que a reinserção das pessoas surdas na sociedade estava intrinsecamente ligada ao método oralista, que estes profissionais acreditavam ser o melhor na educação de pessoas surdas. Como também, consideravam que “[...] o uso simultâneo dos gestos

⁴ O método oralista tinha como objetivo levar o surdo a falar e a desenvolver competência linguística oral, o que lhe permitiria desenvolver-se emocional, social e cognitivamente do modo mais normal possível, integrando-se, como um membro produtivo, ao mundo dos ouvintes (Capovilla, 2000, p. 102).

e da oralidade prejudica a leitura labial e a articulação das pessoas surdas, declarando que um método puramente oral deveria ser adotado”. (Cristiano, 2020, não paginado)

As pessoas que adotavam tais ideias, eram especialistas ouvintes alegam que “[...] a mesma [a língua de sinais] destruía a capacidade da fala dos surdos, argumentando que os surdos são “[...] preguiçosos” para falar, preferindo a usar a língua de sinais” (Strobel, 2009, p. 26). Uma das consequências do Congresso foi “a qualidade da educação dos surdos diminuiu e as crianças surdas saíam das escolas com qualificações inferiores e habilidades sociais limitadas” (Strobel, 2009, p. 37). Foram necessárias muitas lutas e reivindicações, para que um século depois, as resoluções do Congresso de Milão fossem totalmente rejeitadas e, concomitantemente, os surdos tivessem o direito de se comunicar em sua própria língua, bem como ter voz e decidir de que forma se daria a reformulação da educação dos mesmos.

Dado esse resgate histórico, é essencial falar sobre cultura e identidades surdas. Atualmente existem múltiplas culturas interagindo entre si, como disse Bakhtin (2003, p. 366):

A cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade [...] aos olhos de outra cultura. [...] Colocamos para a cultura do outro, novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos respostas a essas questões, e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundidades de sentido. Sem levantar nossas questões não podemos compreender nada do outro de modo criativo. [...]. Neste encontro dialógico de duas culturas elas não se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade aberta, mas elas se enriquecem mutuamente.

Segundo Bakhtin (2003), fazer perguntas sobre a cultura do outro, procurar respostas para essas questões nos revelará novos entendimentos sobre o outro. É por meio desse processo que ocorre o atravessamento dessas culturas e assim, formam-se novos conhecimentos, pois estamos em constante relação dialógica com as mais diversas culturas e realidades. Assim, é no contato com o outro que a cultura mostra sua significação, é através da interação social que a cultura se materializa, produzindo linguagens, artefatos culturais que se multiplicam e são vistos, pensados de diferentes formas por causa dos atravessamentos ideológicos de cada ser único e singular no mundo.

A noção de identidade e cultura surda se relacionam com a compreensão da surdez como uma diferença, o que significa que, ser uma minoria linguística que faz uso da língua de sinais motiva a formação de comunidades em torno dessas identidades que têm a língua de sinais como um dos principais aspectos de identificação. Para Strobel (2008, p. 24) a “[...] cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição de identidades surdas”. Dessa forma, se torna importante salientar que existem diferentes tipos de identidades surdas.

Identidade flutuante - o surdo assume o papel de deficiente e comporta-se de modo a tentar superar sua perda auditiva.

Identidade inconformada - o surdo se sente inferior ao ouvinte.

Identidade de transição - o surdo tem contato com a comunidade surda, mas esse contato é tardio. Dessa forma, não se encontra plenamente em nenhum dos dois mundos.

Identidade híbrida - é aquela em que o surdo perdeu a audição ao longo da vida e aprendeu a Língua de Sinais como uma segunda língua. Conservando, dessa forma, seu pensamento traçado na língua oral, mas reconstrói suas relações sociais amparadas na língua visual.

Identidade surda - se forma por meio do desenvolvimento das experiências em Língua de Sinais. Nesse contexto os surdos se assumem como surdos, como sujeitos visuais e culturais, sendo vistos como capazes, diferentes, mas NÃO inferiores aos ouvintes. (ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, 2016, p.14, grifo nosso).

A formação de identidade acontece pelos espaços que os surdos têm contato com outros surdos. Pois, a identidade de uma pessoa é formada por meio do contato com grupos, onde possa se reconhecer e se identificar, porque é através do meio social e principalmente do contato com linguístico com os outros que se fortalece e se estabelece a(s) identidade(s) surda(s). (Arcoverde, 2006).

Em relação a cultura surda,

A cultura surda tem na sua língua de sinais mais forte conotação de identidade. Os surdos se reconhecem e são reconhecidos pelas suas línguas de sinais. Diferentes entre si, correspondendo aos diversos países em quais pertencem, elas constituem um fator poderoso de identificação entre as muitas culturas surdas por sua modalidade espaço-visual. Pertencer à cultura surda implica em

dominar, em maior ou menor grau, a língua de sinais que caracteriza o grupo ao qual aquele surdo se integra (Campos; Stumpf, 2012, p. 177).

Corroborando com este pensamento, Bosse (2015) nos explica que os Estudos Surdos é uma subdivisão dos Estudos Culturais, sendo esta uma área recente, que busca focar por outro viés questões como a surdez, por exemplo, trazendo essa condição não como uma deficiência, mas como uma diferença cultural:

[...] as línguas de sinais, a cultura surda, a identidade, as comunidades surdas, a centralidade da visão no mundo surdo, sabendo que estes estudos também possuem a análise de vários artefatos culturais que representam de surdos numa cultura ouvinte e da cultura surda, assim como redes sociais, filmes, livros, etc. (Bosse, 2015, p. 3).

Como vimos anteriormente, a cultura dos povos surdos não era reconhecida, os sujeitos surdos eram vistos como deficientes, anormais, doentes ou marginais

Somente depois do reconhecimento da língua de sinais, das identidades surdas e, na percepção da construção de subjetividades, motivada pelos Estudos Culturais, é que começaram a ganhar força às consciências político-culturais. Em determinados momentos, quando a luta por posições de poder ou pela imposição de ideias revela o manifesto política cultural dos povos surdos. [...] Pensam-se os surdos com direitos que merecem a atenção de todas as instituições educacionais organizadas e, deste modo, ocorreu a expansão do atendimento especializado com as campanhas de prevenção e identificação da surdez. (Strobel, 2008, p. 90).

A partir desse reconhecimento da língua de sinais, do sujeito surdo e sua(s) identidade(s), se inicia um processo de aceitação da diferença linguística, entre ouvintes e surdos, uma vez que:

Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhes ser surdo. (Ferreira; Brito, 1993).

E para dissipar o estigma do sujeito surdo ser “limitado” ou “incapaz”, ao invés disso, encarar pelo viés de que:

[...] considerá-los enquanto sujeitos com potencialidades e capazes de estarem inclusos e integrados na sociedade moderna rica em diversos recursos de multimídias que podem e devem ser utilizados na linguagem, na identidade e na cultura que lhe são próprias. (Soares; Ferreira; Costa, 2011, p. 3187).

Para desmistificar tais crenças, elencamos a seguir alguns exemplos de visibilidade dos surdos na mídia, literatura, entre outros. Começamos com a *TV INES* que é a primeira TV para surdos do país, sendo pioneira em sua iniciativa no Brasil, prioriza a Libras, ainda que todo o conteúdo seja bilíngue, ou seja, com legendas e locução em português em sua programação. Criada em 2013, busca disponibilizar conteúdo audiovisual acessível ao público surdo.

A *TV INES* proporciona aos surdos a difusão sobre os acontecimentos da atualidade, proporcionando acesso à cultura e às informações. Além de disponibilizar um conteúdo diverso e exclusivo, sua grade de programas inclui: filmes, notícias, desenhos animados, assim como, programas de esporte, cultura e tecnologia. A *TV INES* adaptou para Libras algumas produções de parceiros. Sua programação é distribuída via satélite, *internet* e aplicativo. Por exemplo, durante a Copa do Mundo em 2014, foi a primeira vez que tal evento esportivo foi coberto por uma emissora de televisão para surdos. Ainda outro exemplo, foram os desfiles das escolas de samba do carnaval do Rio de Janeiro em 2018, através da *TV INES* o evento ficou disponível à comunidade surda. (*TV INES*, 2022)

Imprescindível destacar que a *TV INES* permite não somente aos surdos estarem informados em sua língua, oferece acesso também aos ouvintes a essa língua que ainda é pouco difundida entre esse público. Também precisamos evidenciar que todos os apresentadores e parte da equipe são surdos e nossa meta é capacitar e incluir mais profissionais surdos em toda a cadeia de produção da *TV INES*, para torná-la ainda mais representativa (*TV INES*, 2022).

Ainda na televisão, desta vez, no *streaming Netflix*, o seriado *Crisálida* (2020), que é a primeira série bilíngue em Libras e português do catálogo da plataforma. O cartaz traz a frase “Num universo onde o som não existe, jovens surdos enfrentam os desafios de uma sociedade desenhada apenas para ouvintes”. (*SÉRIE CRISÁLIDA*, 2021) A série retrata situações familiares, sociais que são vividas pelos surdos no cotidiano, além de promover narrativas entre os personagens que evidenciam como é importante o contato com a língua de sinais, no nosso caso, a Libras, que pode vir a ser um agente transformador para ouvintes mergulharem no universo visual.

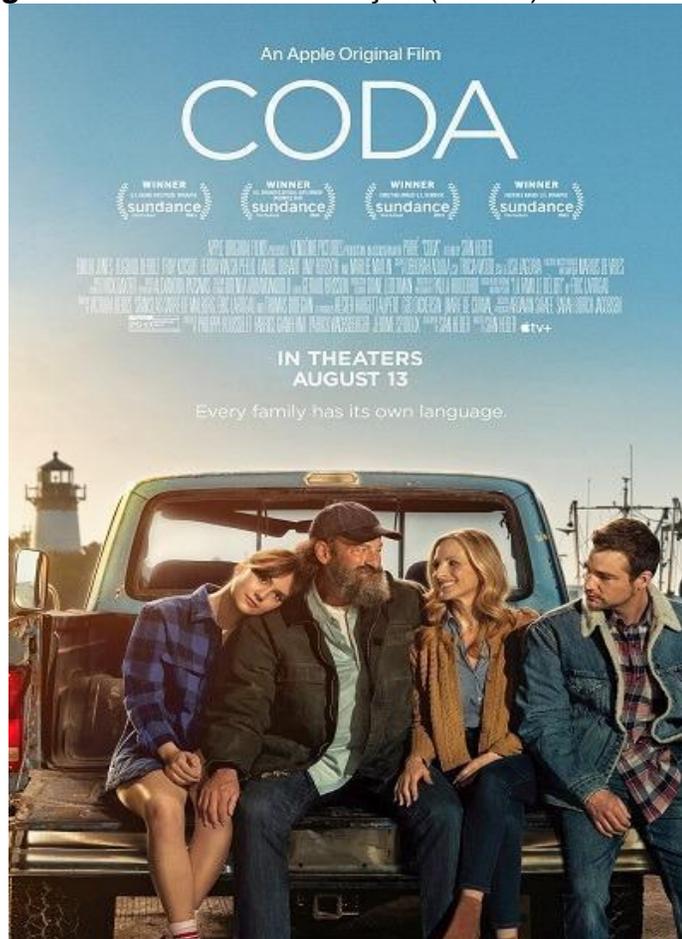
Figura 1 – Cartaz série *Crisálida*



Fonte: Série Crisálida (2022).

Em outro *streaming*, desta vez na *Amazon Prime*, nos é apresentado o filme “*No ritmo do coração (CODA)*” (2021) que conta a história de uma família surda, onde a única ouvinte da família é a personagem Ruby (Emilia Jones), que ajuda seus pais Jackie e Frank Rossi (Marlee Matlin e Troy Kotsur) e o irmão Leo Rossi (Daniel Durant) com as tarefas do cotidiano e do negócio de pesca da família. Mas, infelizmente, por conta de sua família ser surda, Ruby é vista como diferente na escola. Com o passar do tempo, a personagem percebe sua grande paixão por cantar e se inscreve no coral da escola. Seu professor a encoraja para tentar uma vaga em uma escola de música. Enquanto isso, o negócio de seus pais está ameaçado devido aos altos impostos. Então Ruby fica dividida entre sua paixão pela música e continuar ajudando a família (G1, 2022 *online*).

Figura 2 – No ritmo do coração (CODA)



Fonte: Apostila de Cinema (2021)

Não somente o filme traz visibilidade para a comunidade surda, como recentemente o filme recebeu o principal prêmio do *SAG Awards*, premiação do Sindicato de Atores de Hollywood. O ator Troy Kotsur é a segunda pessoa surda a ser indicada para o Oscar e o primeiro ator a ser nomeado na premiação de Hollywood. Sua colega de elenco Marlee Matlin foi a primeira pessoa surda a ser indicada e ganhar um Oscar no ano de 1987, pelo filme “Filhos do Silêncio” como melhor atriz. O elenco do filme “No ritmo do coração (CODA)” conta com o trio de atores surdos Marlee Matlin, Troy Kotsur e Daniel Durant. Como nos diz a própria atriz Marlee Matlin: "Isso valida o fato de que nós, atores surdos, podemos trabalhar como qualquer outra pessoa. Estamos ansiosos por mais oportunidades para atores surdos". (G1², 2022 *online*)

Outro filme de grande sucesso foi “*Um lugar silencioso*” onde conhecemos a família Abbott, eles precisam viver isolados e mergulhados no silêncio, já que qualquer barulho pode atrair criaturas monstruosas vindo de outro planeta. Mas existem algumas complicações, já que a mãe Evelyn (Emily Blunt) está grávida, e Regan (Millicent Simmonds) não consegue ter noção dos ruídos que faz. A jovem atriz surda Millicent Simmonds com apenas 18 anos foi indicada ao Critics’ Choice Movie Awards, que é um dos prêmios mais prestigiados do cinema norte-americano, em 2019 na categoria de Melhor Atriz Jovem por “Um Lugar Silencioso”. No segundo filme da franquia, Simmonds se torna protagonista da história da família Abbott, pois precisa tomar as rédeas da situação e cuidar da família, ajudando a mãe e os irmãos. (Morisawa, 2018; Veneroso, 2021)

A atriz destaca a importância da representatividade: “É inacreditável para mim estar aqui. Eu nunca tive ninguém como eu para admirar. Então é uma grande honra ser parte da comunidade surda, mas também representá-la de maneira correta, educando a sociedade sobre diferentes maneiras de viver.” (Veneroso, 2021).

O que reflete na fala do diretor da obra, John Krasinski quando diz que gostaria de ter tido mais tempo de aprender a língua de sinais, e até mesmo ressalta que acredita que não haja língua mais bonita do que a língua de sinais, pois ela exige que “se pinte com seus braços e mãos.” Krasinski fez questão de que a atriz que viesse a interpretar Regan fosse surda, “não por ser politicamente correto, mas porque ia conseguir uma interpretação muito mais nuançada. Alguém fingindo ter uma experiência que nunca teve não ia ser tão bom”. (Morisawa, 2018) O Diretor aproveitou a experiência de Simmonds, pois “[...] queria uma guia, alguém a quem pudesse fazer perguntas. Alguém que me contasse como é estar numa família com pessoas que ouvem. Você se sente isolada? Você se sente menor? Você se sente empoderada?” conversas profundas que não seriam possíveis ter com uma atriz ouvinte. (Morisawa, 2018) Outro fato que merece destaque é que os atores que dividiram o *set* com Simmonds empenharam-se em aprender a língua de sinais.

Figura 3 – Um lugar silencioso 2



Fonte: Adoro Cinema (2021).

Já na plataforma do *Youtube* temos o primeiro desenho animado em Libras do Brasil, *Min e as mãozinhas* (2020). Seu diferencial se dá por ser um desenho pensado para o público surdo, entretanto, não impede que os ouvintes possam entender, pois o desenho tem por objetivo ensinar a Libras através da repetição dos sinais. Além da preocupação em trazer o cotidiano do surdo, pensado nos mínimos detalhes, mostrando como o surdo convive na sociedade. (Gomes, 2020) A ideia do diretor da animação, Paulo Henrique Rodrigues, surge depois dele ter participado de um casamento, onde teve seu primeiro contato com uma pessoa surda. Ele conta: “tinha uma pessoa surda na mesa. Queria pedir o sal, mas não sabia como falar ou chamá-la. Aí pensei: 'Aprendi tanta coisa

na escola, mas não aprendi Libras, não aprendi sobre a realidade do surdo'. E achei aquilo um absurdo” (Gomes, 2020).

Paulo Henrique Rodrigues explica que, em sua visão, para uma inclusão efetiva como ele mesmo coloca, “a melhor parte da inclusão”, seria os ouvintes aprenderem Libras com os surdos. Uma vez que as crianças têm maior facilidade que os adultos em aprender uma nova língua e se comunicar. Propondo dessa forma, uma imersão da criança no universo surdo, *Min e as Mãozinhas* apresenta uma quebra de paradigmas, quando a maioria dos programas, pensam nos ouvintes e são adaptados ao surdo, quer seja por meio de legendas ou ainda, janela de Libras. A animação promove um desenho totalmente em Libras, sem que a criança tenha que dividir atenção com legendas ou outro tipo de explicação, porque o desenho ensina a língua por meio da repetição dos sinais, sem precisar de qualquer outro tipo de explicação (Gomes, 2020).

Figura 4 – Min e as mãozinhas



Fonte: Youtube (2022).

Ao continuar navegando no *Youtube*, encontramos o canal “*Visurdo*”, dos irmãos Andrei e Tainá Borges, oriundos de Caxias do Sul. O canal surge em 2016, por meio da ideia que Andrei teve de mostrar para a sociedade como os surdos se sentem em relação aos mais diversos temas. Interessante salientar que os irmãos optaram por legendar os vídeos em português para que os ouvintes pudessem acompanhar seus vídeos. Interessante ressaltar que os irmãos Borges, ensinaram sua cachorrinha de estimação Bella a entender seus comandos em Libras. (Ecker, 2019).

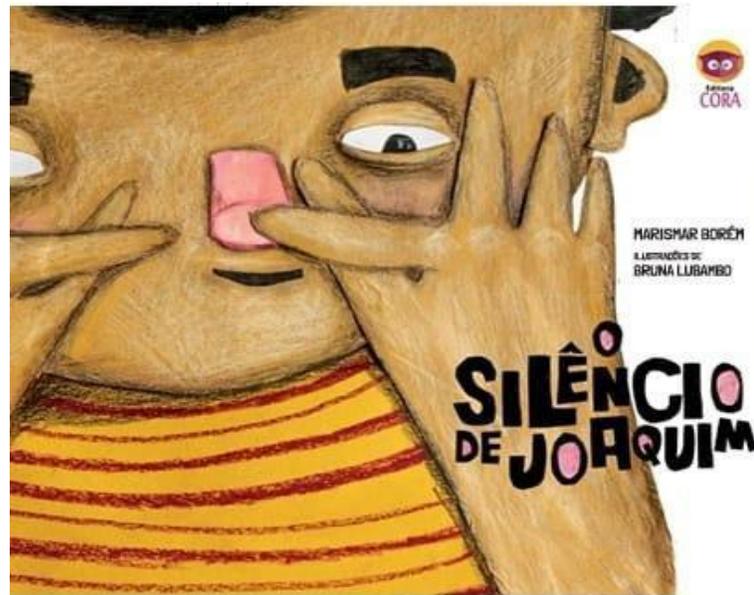
Outra iniciativa extraordinária é o *Blog Cultura Surda*, um espaço que reúne e promove produções culturais relacionadas a comunidades surdas de diferentes países do mundo, “Artes plásticas (De’VIA), literatura, teatro, filmes, curtas, projetos, músicas em línguas gestuais: as culturas surdas em exibição. Produções de, para e sobre o público Surdo, partilhadas neste espaço virtual”. (Blog cultura surda, [2023]).

Partindo para a Literatura infantil, temos a Editora Cora que é responsável por publicar livros que tratam sobre diferentes assuntos, trazendo à tona diversos personagens, como por exemplo, a menina Valentina, com Síndrome de *Down*, José e sua maneira especial de ver o mundo, através do Braille e Joaquim, com um jeito todo seu de falar, com as mãos, rompendo o silêncio que antes havia.

Joaquim veio ao mundo um pouco antes do tempo e, por isso, não escutava os sons, as palavras, os ruídos e nem mesmo o canto de um passarinho. Com o tempo, o menino surdo aprendeu a falar de um jeito bem especial: com a língua de sinais. E, dessa forma, ele escutava muito com o coração e tinha os sons das palavras nos gestos de suas mãos para prostrar, narrar histórias e para confidenciar segredos com o irmão. E foi assim que o silêncio de Joaquim se encurtou, e ele ficou bastante feliz! (Cora editora, 2022).

De acordo com o *site* da editora, seus livros procuram estimular positivamente as crianças para despertar o pensamento e o sentimento delas, além de serem histórias construtivas e alegres promovendo a diversão e o aprendizado de forma natural e responsável (Cora editora, 2022).

Figura 5 – Livro “O silêncio de Joaquim”



Fonte: Editora Cora (2022).

E ao virarmos a próxima página, temos três livros que são considerados parte da literatura surda⁵, bem como estabelecem uma relação entre as páginas dos livros, as temáticas abordadas e a construção identitária das pessoas surdas.

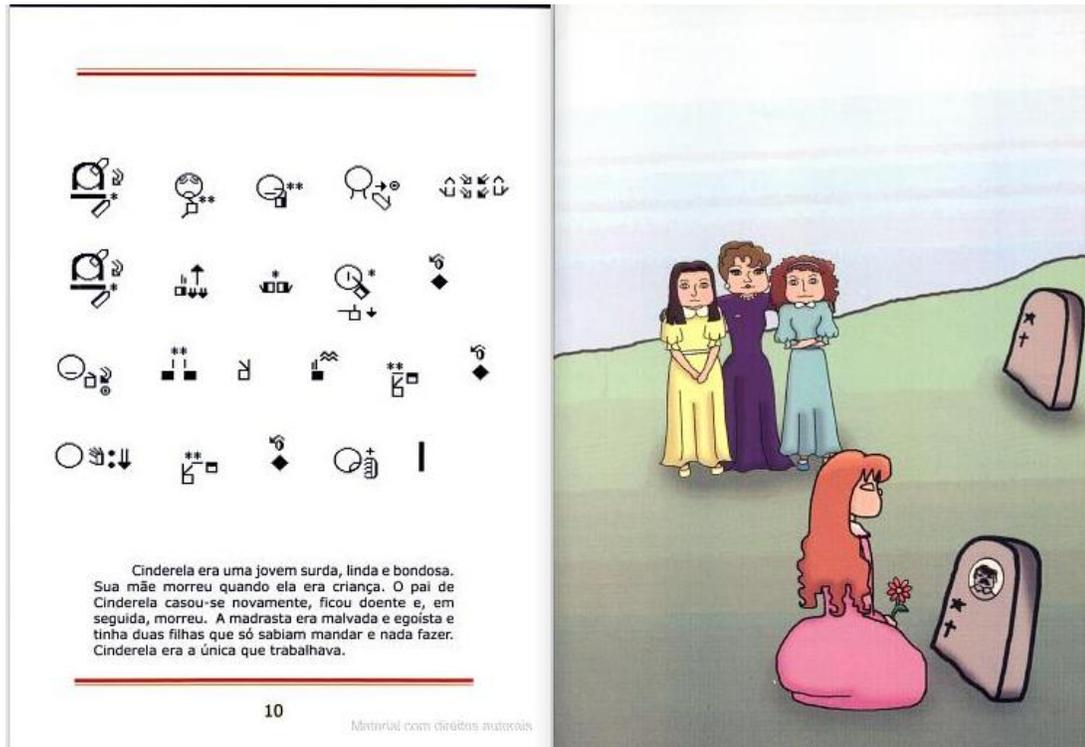
⁵ A expressão “literatura surda” é utilizada dentro das comunidades surdas para designar as narrativas que apresentam a língua de sinais e a questão da identidade e cultura surda no seu bojo. (Boldo; Schlemper, 2018, p. 81).

Os livros são “*Rapunzel Surda*” e “*Cinderela Surda*” que trazem aspectos culturais da surdez sob a ótica de ser uma diferença, e não uma deficiência, compostos por texto escrito em português e em *SignWriting*⁶(Escrita de Sinais), além de serem ilustrados. Conforme Quadros (2000) o ensino da escrita de sinais, assim como o estímulo à comunicação em Libras, beneficia a aquisição da leitura e da escrita, uma vez que envolve e incentiva tanto a formação quanto a preservação da identidade surda, por meio do reconhecimento e da valorização da comunidade surda e a produção cultural específica para o público surdo.

A história da “*Rapunzel Surda*” é adaptada para que possa haver um reconhecimento com a personagem principal. Nessa versão, por exemplo, depois da bruxa raptar Rapunzel, ela acaba por descobrir que a menina é surda, entretanto, a bruxa nota que Rapunzel tem uma percepção visual das coisas muito aguçada. Sendo assim, elas acabam desenvolvendo uma língua de sinais própria para se comunicar, através de “gestos”. Ainda que a história preserve o português escrito, ela apresenta também a escrita de sinais, portanto, se constitui um material bilíngue. Esse trecho da história retrata a realidade de muitos surdos que são filhos de pais ouvintes. (Gomides; Silva; Campelo, 2021).

⁶ SignWriting é um sistema que permite ler e escrever qualquer língua de sinais sem a necessidade de tradução para uma língua oral. Ela expressa os movimentos, as formas das mãos, as marcas não-manuais e os pontos de articulação através de símbolos que são combinados para formar um sinal específico da língua de sinais (Cristiano, 2020).

Figura 7 – Cinderela Surda



Fonte: GOOGLE EBOOKS [2023].

Já na história da “*Cinderela Surda*”, tanto o príncipe quanto a Cinderela são surdos e ainda crianças aprenderam a língua de sinais francesa. Cinderela aprendeu a língua de sinais por meio da comunidade surda, enquanto o príncipe aprendera através de aulas particulares. Salientamos aqui um elemento que pode se relacionar com a trajetória de diferentes surdos, que é a aceitação da surdez, visto a diferença linguística entre surdos e ouvintes. A história apresenta elementos históricos e procura despertar nos leitores o interesse pela própria história e cultura, mostrando que o príncipe surdo, ao ter acesso a uma educação de qualidade, poderia assumir o trono, como qualquer pessoa. (Gomides; Silva; Campelo, 2021).

A terceira história é a do “*Patinho Surdo*”, o patinho percebeu que era muito diferente da família de cisnes que ele acreditava ser sua família, não somente pela aparência, mas porque ele não se comunicava da mesma forma que os outros. Quando o Patinho Surdo conhece sua verdadeira família, ele também se reconhece e, por meio

do sapo intérprete, o mistério é solucionado, pois o ovo do patinho foi colocado por engano em meio aos ovos da mãe cisne. Diferente das outras duas histórias, esta não tem escrita de sinais, porém, apresenta um glossário no final do livro, bem como as outras duas obras mencionadas anteriormente. Essa história ressalta a importância da inclusão do surdo, não somente na sociedade, mas através da vivência e experiência com outros surdos. (Gomides; Silva; Campelo, 2021).

Ao falar do universo infantil, impossível não pensar em Maurício de Sousa, criador da Turma da Mônica, que busca trazer em seus quadrinhos a diversidade por meio de seus personagens. Em maio de 2022 durante a 24ª Surdolimpíadas de Verão, que ocorreu pela primeira vez no Brasil na cidade de Caxias do Sul no Rio Grande do Sul, a Turma da Mônica lança sua primeira personagem surda: uma menina de 9 anos, chamada Sueli que é fã de esportes. Para a criação da personagem Maurício de Sousa contou com a colaboração da Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (Derdic), unidade mantida pela Fundação São Paulo e vinculada academicamente à PUC-SP.

Figura 6 –Sueli personagem surda da Turma da Mônica



Fonte: Gaúcha ZH (2022).

O cartunista esclarece que “[...] já fazia tempo que eu pensava em trazer uma personagem surda para fazer parte da turminha. O fato de as Surdolimpíadas acontecerem pela primeira vez no Brasil foi um ótimo incentivo para que a Sueli finalmente nascesse” (Andrade, 2022) Até mesmo porque em várias histórias da Turma, os personagens já apareceram se comunicando com Libras.

Apesar de muitos exemplos positivos em relação à visibilidade dos surdos nas mais diferentes mídias sociais, *streamings*, literatura, entre outros, percebemos o quanto ainda falta acessibilidade pois, há um enorme abismo entre o que está na legislação e o que os surdos vivenciam em seu cotidiano, a falta de comunicação acessível entre surdos e ouvintes. As pessoas surdas ainda sofrem discriminação na sociedade, e muitas vezes isso acontece devido à falta de conhecimento das pessoas sobre a cultura surda e a Libras. O que culmina em inúmeros estereótipos e preconceitos sobre o surdo. Nesse sentido, fica claro a importância da mídia, tanto no que diz respeito a representatividade surda, quanto manter a população informada, promovendo igualdade e diversidade na programação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da contextualização histórica e social apresentada até aqui, constatamos que o cenário em relação aos surdos mudou ao longo dos anos. Para que esta mudança tenha ocorrido, foram necessárias lutas e reivindicações, para que um século depois, diferentes vertentes circulantes na sociedade fossem rejeitadas. Concomitantemente a isto, os surdos buscaram alcançar seu direito de se comunicar em sua própria língua, e decidir a reformulação de sua educação.

Na maioria das vezes, a surdez é percebida com base em concepções clínicas, que suscitam o desejo de tratamento terapêutico a fim de “corrigir” a deficiência. Contudo, esta visão acaba reforçando estereótipos e preconceitos. Com isso, fica difícil pensar a surdez por outro viés, ou seja, pensar a surdez como diferença, diversidade (GESSER, p. 67, 2009).

Ainda que tais mudanças nos pensamentos que formam nossa sociedade, isto é, pensamentos de reconhecimento em relação aos surdos não sejam construídos do dia

para a noite, precisamos ser agentes das mudanças que queremos ver. Não precisamos ser surdos para defender crenças errôneas e preconceitos em relação a comunidade surda, precisamos combater a ignorância e a desinformação.

Uma vez que, os sentidos são construídos na cultura, na sociedade e também, através da língua. Da mesma maneira que somos múltiplos, pois atuamos em diferentes grupos sociais e dentro de cada um atuamos com identidades múltiplas (Lau; Sanches, 2019). O sujeito surdo é essencialmente visual, como também adquire e produz cultura, constituindo-se por meio da diferença.

A representatividade do surdo na mídia torna-se fundamental, tanto para sua inclusão na sociedade, como para combater o preconceito. Isto deve ser uma via de mão dupla, para que haja verdadeiramente uma representatividade surda, tanto na mídia quanto fora dela. A população, de maneira geral, deve ter acesso ao conhecimento sobre a cultura surda e a Língua Brasileira de Sinais.

Uma maneira da mídia dar atenção à população surda é investir na contratação de intérpretes em toda sua programação, além de disponibilizar uma janela ampla de interpretação para Libras, e não apenas um canto pequeno e escondido na tela, o que facilitaria o entendimento do surdo usuário de Libras.

A representatividade surda que podem ser difundidas por estes meios de comunicação e entretenimento é de suma importância para que o surdo seja visto na sociedade como alguém capaz de fazer o que quiser, de ser combatido o preconceito e ideias errôneas com informação, com a visibilidade do surdo na mídia. Isto é algo que precisa ser melhorado, pois a Libras deve ser aprendida e discutida, e estar presente nas escolas desde o Ensino Fundamental, afinal, a qualquer momento podemos encontrar um surdo na rua. Corroborando com esta ideia, Strobel (2008) afirma que é preciso dar visibilidade aos surdos, além de respeitar seus direitos, valorizar seus discursos, como também, dar reconhecimento a sua Língua e sua cultura, criando desta maneira acessibilidade entre nós.

É necessário repensar as produções para o público surdo, uma vez que principalmente os canais abertos, não disponibilizam para toda a programação e nem para os comerciais, as legendas e janelas de intérprete de Libras, além serem digitadas

ao mesmo tempo da exibição, as legendas apresentam erros de português, o que torna ainda mais difícil para os surdos que, em geral, não dominam bem a língua portuguesa. Por outro lado, as janelas de Libras, na maioria das vezes, são pequenas e isso dificulta a visão e a compreensão dos sinais. Outro ponto é a falta de uma maior representatividade dos surdos como protagonistas na produção de conteúdo. Apesar de todas as melhorias que ainda precisam ser feitas, a tecnologia permite novas possibilidades. A *TV INES* surge como uma dessas possibilidades, onde além de informar e entreter o público surdo, colabora no protagonismo surdo em relação a elaboração e produção de conteúdo do canal. “Ela é uma importante e inovadora ferramenta pública e acessível, aberta a novas possibilidades de construção de conhecimento e valorização tanto da língua quanto da cultura surda no Brasil, que atende, ainda, o público ouvinte na *internet*”. (SILVA, 2018, p. 99)

A *TV INES* nos faz refletir sobre o lugar do outro e seu pertencimento, convite a empatia, uma vez que apesar de ser pensada para o surdo, também se torna acessível ao ouvinte. Nos fazendo refletir o que disse Bakhtin (2003) onde as duas culturas não se confundem, mas se enriquecem mutuamente.

REFERÊNCIAS

ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. Tecnologias digitais: novo espaço interativo na produção escrita dos surdos. **Cad.Cedes**, Campinas, v. 26, n. 69, maio/ago., 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/XxVb7nrhMqFKwVPJbZyp4Qg/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 15 jul. 2023.

BAKHTIN, Mikhail. Os estudos literários hoje. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOLDO, Jaqueline; SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. Literatura Surda: uma questão de cultura e identidade. **Transversal – Revista em Tradução**, Fortaleza, v.4, n.7, p.79-92, 2018. Disponível em:

https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/38108/1/2018_art_jboldomdsschlemper.pdf
Acesso em: 18 jul. 2023.

BLOG CULTURA SURDA. Sobre o blog *In: Blog Cultura Surda*, [S./., 2023]. Disponível em: <https://culturasurda.net/sobre-o-site-2/> Acesso em: 16 jul. 2023.

BRASIL. **Decreto Nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004.** Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm Acesso em: 17 jul. 2023.

BRASIL. **Lei Nº 10.098.** Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Publicada no Diário Oficial da União em 19/12/2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm Acesso em: 11 mar. 2022.

BRASIL. **Portaria nº 310.** Aprova a Norma Complementar nº 01/2006 - Recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão de 27 de junho de 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/Portaria%20no%20310%20-27JUN2006-%20-%20Acessibilidade.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2023.

BOSSE, Renata Ohlson Heinzelmann. **As representações da mídia sobre a surdez: um estudo comparativo entre a Rede Globo e a TV Ines.** Disponível em: http://www.2015.sbece.com.br/resources/anais/3/1429965140_ARQUIVO_Midiasobresurdez.pdf. Acesso em: 29 dez. 2021.

CAMPOS, Débora Wanderley; STUMPF, Marianne Rossi. **Cultura surda: um patrimônio em contínua evolução.** *In: PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne (org.). Um olhar sobre nós surdos: Leituras contemporâneas.* Curitiba, PR: CRV 2012, p. 177-185.

CAPOVILLA, Fernando César. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 6, n. 1, 2000, p. 99-116. Disponível em: <https://abpee.net/pdf/artigos/art-6-6.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2022.

CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello. **Língua brasileira de sinais e tecnologias digitais.** Porto Alegre: Penso, 2019.

CORA EDITORA. 2022. Disponível em: <https://www.coraeditora.com/>. Acesso em: 13 dez. 2023.

CRISTIANO, Almir. **Congresso de Milão**, 2020. Disponível em: <https://www.libras.com.br/congresso-de-milao>. Acesso em: 26 nov. 2021.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA. **Introdução à Libras**. Brasília: ENAP, 2016.

FERNANDES, S.; TERCEIRO, F. M. L. Deafhood: um conceito em formação no campo dos estudos surdos no Brasil. **Revista Educação Especial**, v. 32, 2019.

FERREIRA BRITO, Lucinda. **Integração social e educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

FERREIRA, Angélica Rodrigues; SOARES, Edilene Alexandra; COSTA, Lauanda Beatriz Matos. Mídia, linguagem e inclusão dos surdos: a influência do discurso na sociedade moderna. *In: Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial*. 7., 2011. Londrina. **Anais [...]** Londrina: UEL. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2011/NOVAS_TECNOLOGIAS/294-2011.pdf. Acesso em: 28 fev. 2022.

GESSER, A. LIBRAS? que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

G1. Oscar de 2022 faz história com a primeira indicação para ator surdo. 2022. **G1**. Disponível em: <https://revistamonet.globo.com/Filmes/noticia/2022/02/oscar-de-2022-faz-historia-com-primeira-indicacao-para-ator-surdo.html>. Acesso em: 07 mar. 2022.

G1². SAG Awards: 'No ritmo do coração' surpreende e leva principal prêmio do Sindicato dos Atores dos EUA. 2022. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2022/02/28/sag-awards-no-ritmo-do-coracao-surpreende-e-leva-principal-premio-do-sindicato-dos-atores-dos-eua.ghtml>. Acesso em: 07 mar. 2022.

GOMIDES, Paula Aparecida Diniz; SILVA, Eriandro Félix; CAMPELLO, Ana Regina e Souza. Representatividade, cultura e identidade surda em adaptações de clássicos infantis. *In: Congresso Universidade, Educação a Distância e Software Livre - UEADSL*, 1., 2021, Minas Gerais. **Anais [...]** [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://ueadsl.anais.nasnuv.com.br/index.php/UEADSL/article/view/595/5.1> Acesso em: 18 jul. 2023.

HALL, Stuart. A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE. *In: A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

KUMADA, Kate Mamhy Oliveira. **Libras - língua brasileira de sinais**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S. A., 2016.

LAU, Héilton Diego; SANCHES, Gabriel Jean. A LINGUAGEM NÃO-BINÁRIA NA LÍNGUA PORTUGUESA: POSSIBILIDADES E REFLEXÕES MAKING HERSTORY. **Revista X**, Curitiba, v. 14, n. 4, p. 87-106, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Mariana/Downloads/66071-272604-1-PB.pdf>. Acesso em: 11 out. 2021.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. [s.l.], 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 15 jul. 2023.

QUADROS, Ronice Müller de. Alfabetização e o ensino da língua de sinais. **Revista Textura**, Canoas, n. 3, p. 53-61, 2000. Disponível em: https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/408569/mod_resource/content/2/alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20em%20libras%20ronice.pdf. Acesso em: 14 dez. 2023

SILVA, Edvaldo Feliciano da; CAMPOS, Marineide Furtado. O PERCURSO DOS SURDOS NA HISTÓRIA E A NECESSIDADE DA LIBRAS PARA A INCLUSÃO DOS SUJEITOS NA ESCOLA. *In: Encontro Internacional de Jovens Investigadores Edição Brasil*. 3., 2017, Campina Grande. **Anais** [...] Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/50000>. Acesso em: 15 mar. 2022.

SILVA, Yéssica Lopes Da. **TV INES**: O protagonismo surdo na produção de conteúdo audiovisual que promove informação, cultura e língua. Pelotas 2018. p. 107.

SKLIAR, C. (org.). **Educação e exclusão**: abordagem socioantropológica em educação especial. Porto alegre: Mediação, 1997.

STROBEL, Karin. **História da educação dos surdos**. 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 11 out. 2021.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

TV INES. TV Ines, 2022. Disponível em: <https://br.linkedin.com/company/tv-ines> Acesso em: 28 fev. 2022.

VENEROSO, Carolina. Atriz surda é protagonista em 'Um Lugar Silencioso: Parte II'. *In: Minha Cultura*, [s.l.], 21 jul. 2021. Disponível em: <https://cultura.minha.com.br/2021/07/atriz-surda-e-protagonista-em-um-lugar-silencioso-parte-ii/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

WRIGLEY, Owen. **The politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.